

USO PROLONGADO DE ANTICONCEPCIONAIS ORAIS E SUA RELAÇÃO COM O APARECIMENTO DO CÂNCER DE MAMA EM MULHERES

Data de aceite: 01/12/2023

Ana Larissa Veríssimo Vila da Silva

Acadêmica de Farmácia pelo Centro
Universitário UNIFAVIP/WYDEN, Caruaru,
Pernambuco.
<https://orcid.org/0009-0003-0324-2830>

Danielly Meiry Leal Maciel de Oliveira

Acadêmica de Farmácia pelo Centro
Universitário UNIFAVIP/WYDEN, Caruaru,
Pernambuco.
<https://orcid.org/0009-0007-1225-3354>

Tibério Cesar Lima de Vasconcelos

Universidade Federal Rural de
Pernambuco – RFRPE, Recife,
Pernambuco.
<https://orcid.org/0000-0001-7177>

Cristiane Gomes Lima

Centro Universitário Unifavip (UNIFAVIP/
WYDEN), Caruaru, Pernambuco.
<https://orcid.org/0009-0002-6919-2058>

RESUMO: Introdução: Os contraceptivos ou anticoncepcionais orais representam um importante meio para evitar a gravidez, correspondendo ao uso de esteroides sexuais sintéticos, isolados ou combinados, com mecanismo de ação que alteram a função reprodutiva. Diferentes tipos estão

disponíveis no mercado e sua escolha deve levar em consideração as necessidades e características de cada mulher.

Metodologia: Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, com o objetivo de investigar, por meio de dados disponíveis na literatura, se a utilização prolongada de anticoncepcionais orais é fator determinante para o desenvolvimento do câncer de mama em mulheres. **Resultados e Discussão:** Estudos afirmam que para além da anticoncepção, os contraceptivos orais contribuem para uma redução do número de casos de gestações ectópicas, de diferentes tipos de câncer, cistos ovarianos, patologias inflamatórias pélvicas e mamárias benignas, regulação do ciclo menstrual, entre outros. Apesar disto, estão contraindicados em diversos casos, como em mulheres com problemas de trombose venosa profunda, obesas, tabagistas, hipertensas e com câncer de mama, em decorrência de seus efeitos colaterais, também estando contraindicada para mulheres em fase de amamentação, uma vez que pode reduzi a produção do leite.

Conclusões: É fundamental que o uso dos anticoncepcionais orais seja acompanhado e orientado por um profissional farmacêutico, a fim de minimizar possíveis danos à saúde

das pacientes, além de promover maior adesão e segurança no tratamento. Por fim, faz-se necessário que estudos clínicos sejam feitos, com amostras significativas, a fim de verificar se, de fato, o uso dos contraceptivos orais é fator determinante para o aparecimento da neoplasia da mama.

PALAVRA-CHAVE: Câncer de mama; Anticoncepcionais Oraís Sintéticos; Fatores de risco.

PROLONGED USE OF ORAL CONTRACEPTIVES AND ITS RELATION WITH THE APPEARANCE OF BREAST CANCER IN WOMEN

ABSTRACT: Introduction: Contraceptives or oral contraceptives represent an important means to avoid pregnancy, corresponding to the use of synthetic sexual steroids, isolated or combined, with a mechanism of action that alters the reproductive function. Different types are available on the market and your choice should take into account the needs and characteristics of each woman. **Methodology:** This is a narrative literature review, with the objective of investigating, through data available in the literature, whether the prolonged use of oral contraceptives is a determining factor for the development of breast cancer in women.

Results and Discussion: Studies claim that in addition to contraception, oral contraceptives contribute to a reduction in the number of cases of ectopic pregnancies, different types of cancer, ovarian cysts, benign pelvic and breast inflammatory pathologies, regulation of the menstrual cycle, among others. Despite this, they are contraindicated in several cases, such as in women with deep vein thrombosis, obese, smokers, hypertensive and with breast cancer, due to their side effects, also being contraindicated for women in the breastfeeding phase, since can reduce milk production. **Conclusions:** It is essential that the use of oral contraceptives is monitored and guided by a pharmaceutical professional, in order to minimize possible damage to the health of patients, in addition to promoting greater adherence and safety in the treatment. Finally, it is necessary that clinical studies are carried out, with significant samples, in order to verify whether, in fact, the use of oral contraceptives is a determining factor for the appearance of breast cancer.

KEYWORDS: Breast Neoplasms; Contraceptives, Oral, Synthetic; Risk Factors.

1 | INTRODUÇÃO

Conforme a Lei Federal nº 9.263/96, o planejamento familiar é um direito de todo cidadão, caracterizado por um conjunto de ações de controle da fecundidade que assegure direitos iguais de constituição, limitação ou aumento de filhos pelo homem, mulher ou casal, sendo fundamental a oferta de métodos de concepção e contracepção, com comprovação científica e que não coloquem em risco a vida e saúde dos indivíduos (SILVÉRIO et al., 2022).

Os contraceptivos ou anticoncepcionais orais representam um importante meio para evitar a gravidez, correspondendo ao uso de esteroides sexuais sintéticos, isolados ou combinados, com mecanismo de ação que alteram a função reprodutiva. Diferentes tipos estão disponíveis no mercado farmacêutico e sua escolha deve levar em consideração as necessidades e características de cada mulher (SABINO, 2017; ALMEIDA; ASSIS, 2017;

CRUZ; BOTTEGA; PAIVA, 2021).

O uso dos contraceptivos orais é adotado pelas mulheres, com uma estimativa de aproximadamente 100 milhões de adeptas. No Brasil, um relatório publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, identificou que 79% das brasileiras usaram métodos contraceptivos nesse período, com estimativa de aumento até 2030. Além disso, esse país ocupa o 3º lugar no ranking de consumo de pílulas anticoncepcionais na América Latina (SILVÉRIO et al., 2022).

Devido a efetividade, facilidade de manipulação, reversão dos efeitos após interrupção de uso e benefícios no ciclo menstrual, os anticoncepcionais orais ganharam muita popularidade. Ademais, com os avanços científicos, foram aperfeiçoados, tornando-se mais seletivos e efetivos em doses ainda menores, com conseqüente redução de seus efeitos colaterais (SABINO, 2017).

Apesar disso, muitos efeitos colaterais graves e cada vez mais frequentes associados ao uso de anticoncepcionais orais são relatados pelas mulheres, como maior incidência de trombose venosa, tromboembolismo pulmonar, risco cardiovascular e hipertensão arterial. Além dessas, outra patologia muito relacionada ao seu uso foi o câncer de mama (CARDOZO, 2020; OLIVEIRA; TREVISAN, 2021; CRUZ; BOTTEGA; PAIVA, 2021).

O câncer de mama é o mais comum entre as mulheres, representando 22% de incidência de neoplasias a cada ano. No Brasil, esse tipo de câncer apresenta taxa de mortalidade elevada, o que pode estar associado ao diagnóstico tardio. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a detecção precoce pode contribuir para uma maior sobrevida e reduzir taxa de mortalidade (CARDOZO, 2020).

O Ministério da Saúde aponta como fator de risco para o aparecimento do câncer de mama, aqueles ligados a vida reprodutiva da mulher, como a menstruação precoce, gestação acima dos 30 anos, utilização de anticoncepcionais orais, menopausa tardia e tratamento farmacológico de reposição hormonal. Outros fatores são idade; histórico familiar; fatores não modificáveis, como os hereditários e hormonais; estilo de vida; e, fatores ambientais e comportamentais, como uso de álcool, obesidade e tabagismo (INCA, 2015; BRINTON et al., 2018; BATISTA et al., 2020).

No Brasil, para a utilização de anticoncepcionais orais, é indicado que as mulheres passem por uma consulta médica, para permitir que o medicamento seja prescrito de acordo com suas necessidades e especificidades. Contudo, a aquisição desses medicamentos em farmácias não exige a prescrição médica, o que contribui para o aumento de seu uso indiscriminado e aparecimento de problemas de saúde associados ao seu uso (SABINO, 2017; SILVÉRIO et al., 2022).

A relação entre o risco de doenças e o uso dos contraceptivos orais tem gerado um intenso debate entre os pesquisadores, de modo que tais medicamentos devem ser analisados, tanto para verificar suas taxas de sucesso na contracepção, quanto seus possíveis efeitos colaterais a curto e longo prazo.

Sendo assim, como objetivo geral, o presente trabalho buscou investigar, por meio de dados disponíveis na literatura, se a utilização prolongada de anticoncepcionais orais é fator determinante para o desenvolvimento do câncer de mama em mulheres.

2 | METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura, que de acordo com Rother (2007), é uma categoria de trabalho ampla e apropriada para descrever e discutir o “estado da arte” de um assunto específico, do ponto de vista teórico ou contextual.

Com base nisso, uma revisão narrativa desempenha importante papel na educação continuada, uma vez que possibilita ao leitor atualizar e adquirir novos conhecimentos sobre uma determinada temática, num curto espaço de tempo.

Sua elaboração se deu por meio da busca de estudos na literatura referentes ao tema em questão, os quais foram selecionados nas bases de dados eletrônicas MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Definiu-se a seguinte questão norteadora: Qual a relação entre o uso prolongado de anticoncepcionais orais e o desenvolvimento do câncer de mama em mulheres?

Os descritores indexados no DeCS, em língua portuguesa, foram “Câncer de mama”, “Anticoncepcionais Oraís Sintéticos” e “Fatores de risco”; e, em língua inglesa, “Breast Neoplasms”, “Contraceptives, Oral, Synthetic” e “Risk Factors”. Sendo possível a realização dos cruzamentos (#) nas bases de dados selecionadas: 1) Câncer de Mama AND Anticoncepcionais Oraís Sintéticos AND Fatores de risco; 2) Breast Neoplasms AND Contraceptives, Oral, Synthetic AND Risk Factors.

Para coleta de dados, foram consideradas as seguintes informações: a) identificação do título do artigo, idioma e ano de publicação; b) verificação do tipo de estudo; c) análise das características metodológicas do estudo, envolvendo objetivo, amostra e resultados.

Foram inclusos neste estudo, os artigos publicados entre os anos de 2013 a 2023, disponíveis gratuitamente, que abordavam os efeitos colaterais do uso prolongado de anticoncepcionais orais, escritos em português ou inglês. Excluíram-se os resumos simples, relatos de caso, outras revisões narrativas de literatura e artigos que não considerem a variável câncer de mama como efeito colateral gerado pelos contraceptivos orais.

O período analisado ocorreu nos meses de junho a agosto de 2023 e a análise e interpretação dos resultados incluiu leitura dos artigos uma vez do início ao fim, a fim de fazer um levantamento das informações mais relevantes. Em seguida, foram lidos novamente para uma melhor compreensão, de modo que os resultados foram analisados qualitativamente e quantitativamente, culminando na construção da revisão narrativa propriamente dita.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Incidência de câncer de mama no Brasil e em outros países

O câncer de mama é o tipo mais comum de neoplasia maligna que acomete mulheres no Brasil e no mundo. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), a taxa de incidência varia para cada região do planeta, com maior prevalência nos países desenvolvidos. Conforme últimas estatísticas mundiais do Globocan (Novos Dados Globais Sobre Câncer) em 2018, foi estimado um total de 2,1 milhões de novos casos, alcançando 627 mil óbitos pela doença (INCA, 2019; MATOS; RABELO; PEIXOTO, 2021; INCA, 2023).

As maiores taxas de incidência no mundo foram esperadas para Austrália e Nova Zelândia, localizadas no Norte Europeu e Europa Ocidental. Mas, independentemente das condições socioeconômicas do país, a taxa de incidência da doença se mantém crescente, ocupando o ranking das neoplasias malignas femininas, exceto em alguns países desenvolvidos, o que pode ter relação com a diminuição da terapia de reposição hormonal em mulheres após a menopausa (SBM, 2020).

No Brasil, o câncer de mama é a neoplasia que possui a maior taxa de letalidade em mulheres, com número de casos cada vez mais crescentes, devido a maior exposição das mulheres aos fatores de risco, como estilo de vida pouco saudável, somando-se ainda ao aumento da expectativa de vida. As alterações genéticas também ganham importante papel nesse cenário, contribuindo no crescimento dos casos de câncer de mama hereditário e esporádicos (ALMEIDA et al., 2021).

Diversas informações podem ser obtidas através dos Registros de Câncer de Base Populacional (RCBP), para identificação da tendência de adoecimento por este tipo de neoplasia. Neste sentido, o Brasil conta com 33 RCBP atualmente, e dessas, 27 seguem em funcionamento, estando em sua maioria localizadas em capitais (FERREIRA; VALE; BARROS, 2021).

Segundo os RCBP, entre os anos de 2000 a 2010, observou-se aumento na incidência de câncer de mama para a faixa etária de 70 anos ou mais, divergindo dos valores identificados para a faixa etária de 40 a 49 anos que tiveram um decréscimo, enquanto que para a faixa etária de 20 a 39 e 50 a 69 anos, verificou-se certa estabilidade. Com base nesses dados, a mediana das taxas brutas dessa neoplasia foi de 49,3/100 mil mulheres, no período analisado (INCA, 2019).

As taxas elevadas de câncer de mama a partir dos 70 anos convergem com o que tem se observado mundialmente, considerando que o avançar da idade configura um importante fator de risco para o desenvolvimento desta patologia (OLIVEIRA et al., 2019; ALMEIDA et al., 2021).

Em 2019, foram identificados 59.700 casos novos, representando um total de 29,5% dos cânceres em mulheres. Quanto a sobrevida, observou-se no Brasil que as

essas estimativas foram de 76,9% (75,5 a 78) entre 2005 a 2009, já em 2010 a 2014, esta estimativa foi de 75,2% (73,9 a 76,5), demonstrando uma redução na sobrevida. Isto pode estar relacionado a falta de informações sobre a doença e às dificuldades de acesso aos métodos diagnósticos e tratamento adequado, conseqüentemente piorando o prognóstico (INCA, 2019).

As estimativas de incidência de câncer de mama no Brasil para os anos de 2020 a 2022 foram divulgadas pelo INCA (2020), estimando 66.280 casos novos para cada ano do triênio, o que corresponde a um risco de aproximadamente 61,61 casos novos por 100 mil mulheres. Por região, esse risco a cada 100 mil mulheres atinge os valores de 81,06 (Sudeste), 71,16 (Sul), 45,24 (Centro-Oeste), 44,29 (Nordeste) e 21,34 (Norte) (SBM, 2020).

A incidência de câncer de mama no Brasil também foi estimada e divulgada pelo INCA em 2023, com previsão de 74 mil novos casos até o ano de 2025, permanecendo entre as neoplasias mais incidentes nas mulheres depois do câncer de pele não melanoma (INCA, 2023).

3.2 Relação entre uso de anticoncepcionais e aparecimento de diferentes tipos de câncer

Uma pesquisa da New England Journal of Medicine, realizada com 1,8 milhões de mulheres da Dinamarca, com idade entre 15 e 49 anos, que não tinham tido câncer, tromboembolismo e nem haviam passado por tratamento para infertilidade, identificou risco maior para o desenvolvimento de câncer de mama em mulheres que usaram anticoncepcional ao longo da vida. A pesquisa durou um tempo médio de 10 anos, tendo identificado 11.517 casos de neoplasia da mama, com um caso a mais do que o esperado para cada 7.690 usuárias de anticoncepcionais hormonais (NEJM, 2018; JUREMA; JUREMA, 2021).

O estudo apontou o risco de câncer de mama como sendo maior para usuários de anticoncepcionais quando em comparação com as mulheres que nunca recorreram a estes medicamentos. Além disso, ainda observou que esse risco se eleva a medida que o tempo de uso se prolonga, tanto para as mulheres que usam atualmente quando para aquelas que já fizeram uso no passado (SBM, 2020; SOUZA et al., 2022).

Os dados apontaram risco de 9% a mais a partir de um ano de uso do anticoncepcional oral, aumentando para 38% a partir de 10 anos de uso. Ou seja, se uma mulher que não recorre a essas medicações tem risco de 2% de desenvolver câncer de mama até os 50 anos, esse número passa para 2,2% para aquelas que usam esse medicamento a mais de um ano, e atingindo os 2,76% para aquelas que já usam ou usaram por mais de 10 anos (NEJM, 2018).

Ademais, importante destacar que conforme aponta a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), não existe um anticoncepcional que não tenha tido relação com o

aumento do risco de câncer de mama, isso inclui também os DIUs que contém progesterona em sua composição (SBM, 2020).

Concomitantemente, a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) em conformidade com os achados do estudo realizado pela Revista PLOS Medicine, aponta que os anticoncepcionais hormonais de fato aumentam o risco de desenvolvimento de câncer de mama nas mulheres que utilizam (QUEIROZ et al., 2021; FEBRASGO, 2023).

Ademais, não existem dados suficientes que comprovem a influência do uso da terapia farmacológica com anticoncepcionais hormonais orais e o surgimento de diferentes tipos de neoplasias no organismo das mulheres adeptas deste método de prevenção de gravidezes indesejadas.

3.3 Anticoncepcionais orais

O primeiro contraceptivo foi desenvolvido em 1950, por Pincus, Rock e Garcia, nos Estados Unidos (EUA), sendo comercializado pelo nome comercial Enovial. Cada pílula continha 150 μ g de estrogênio e 10 mg de progesterona, o que pelos níveis elevados era responsável por diversos efeitos colaterais. Com o intuito de diminuir esses efeitos, as dosagens foram sendo diminuídas, e atualmente, são compostas por menos de 50 μ g e 1,5 mg de estrogênio e progesterona, respectivamente (CARDOSO, 2020).

Compreende-se os contraceptivos orais ou anticoncepcionais, como esteroides que podem ser utilizados isoladamente ou em associação, com o objetivo de evitar a concepção de um filho. O consumo dessas substâncias tem aumentando exponencialmente a cada ano em todo mundo, como estratégia para o planejamento familiar (MANDU; CAETANO, 2023).

O Brasil, por exemplo, está em 3º lugar no ranking do consumo de pílulas anticoncepcionais de toda América Latina, perdendo apenas para o Uruguai e o Chile. Outrossim, as estimativas são que até o ano de 2030, 100 milhões de mulheres passem a ser usuários de contraceptivos orais para o planejamento familiar (SILVEIRO et al., 2022).

O anticoncepcional oral é um método reversível e hormonal, constituído por hormônios sintéticos de estrogênio e progesterona, que são produzidos no ovário da mulher e tem ação regulada por hormônios foliculo estimulantes (FHS), luteinizante (LH) e gonadotróficos hipofisários, tendo como principal efeito o bloqueio na produção gonadotrófica pelo mecanismo de feedback, que impossibilita o pico de LH e impede a ovulação feminina (CARDOSO, 2020; GUEDES et al., 2023).

Em suma, a ação dos hormônios no processo de anovulação individualmente ocorre da seguinte maneira: o estrogênio inibe o FSH, por meio do desenvolvimento e maturação do foliculo dominante. Já a progesterona, inibe o LH e atrofia o endométrio, o que faz com que um mecanismo de impedimento da nidificação ocorra, diminuindo a frequência dos pulsos

do hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH), que são responsáveis pela atividade gonadal no organismo (CASEY, 2022; MANDU; CAETANO, 2023).

Classificam-se os anticoncepcionais orais de acordo com a sua concentração de progesteragênio. Anticoncepcionais de primeira geração são compostos por levonogestrel + 50 mcg de etinilestradiol, diferentemente dos de segunda geração que possuem concentrações menores dessa segunda substância em associação com o levonogestrel. Por outro lado, os anticoncepcionais de terceira geração possuem em sua composição o progesteragênio desogestrel ou gestodeno (SILVÉRIO et al., 2022).

Esses medicamentos podem ser monofásicos, quando contém a mesma composição e dosagem hormonal nos comprimidos; bifásicos, que possuem a mesma composição, mas são divididos em duas fases de dosagem; ou, trifásicos, que possuem três fases de diferentes dosagens hormonais. Existem também as minipílulas, que tem baixas dosagens de progesteragênio nos comprimidos de administração oral (CARDOSO, 2020).

Estudos afirmam que para além da anticoncepção, os contraceptivos orais contribuem para uma redução do número de casos de gestações ectópicas (quando o embrião se fixa e desenvolve fora da cavidade uterina), de diferentes tipos de câncer, cistos ovarianos, patologias inflamatórias pélvicas e mamas benignas, regulação do ciclo menstrual, entre outros (SILVÉRIO et al., 2022).

Apesar disto, estão contraindicados em diversos casos, como em mulheres com problemas de trombose venosa profunda, obesas, tabagistas, hipertensas e com câncer de mama, em decorrência de seus efeitos colaterais, também estando contraindicada para mulheres em fase de amamentação, uma vez que pode reduzir a produção do leite (SILVÉRIO et al., 2022).

3.4 Métodos contraceptivos alternativos

Os métodos contraceptivos não se resumem a administração oral de pílulas anticoncepcionais, mas incluem também alternativas como esterilização feminina, uso de preservativo masculino, pílulas do dia seguinte, DIU (dispositivo intrauterino), injetáveis, além de outros métodos diferentes dos tradicionais (BARROS; WONG, 2016).

Em síntese, os métodos contraceptivos dividem-se em cinco classes, sendo os métodos de barreira (preservativos, diafragma e espermicidas), comportamentais (coito interrompido e tabelinha), cirúrgicos (laqueadura e vasectomia), de contracepção hormonal (comprimidos orais, injetáveis, cutâneos, implantes e pílulas “do dia seguinte”) e os dispositivos intrauterinos (OLIVEIRA, 2020).

No Brasil, conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os métodos alternativos mais utilizados pelas mulheres brasileiras está a laqueadura (40%) e em segundo lugar os contraceptivos hormonais (21,4%), este último com prevalência dos anticoncepcionais orais, que representam a forma de contracepção

mais conhecida pelo público feminino (BARROS; WONG, 2016; OLIVEIRA, 2020).

Os métodos de barreira atuam evitando a entrada do esperma no útero das mulheres, protegendo ainda contra diversas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), estando indicados para mulheres que não possuem indicação para o uso de métodos hormonais de contracepção. Os preservativos (ou camisinhas), são materiais descartáveis e que evitam uma possível gravidez (SANTOS; CARVALHO; MARINI, 2023).

A camisinha masculina é composta por capinha de látex fina e resistente, que veste o órgão genital masculino durante o momento da relação sexual, impedindo que o esperma entre em contato com a vagina, uma vez que o retém. Já a camisinha feminina, assemelha-se a um saco plástico, com dois anéis flexíveis nas extremidades, sendo macia e resistente, sendo inserida na vagina antes da relação sexual (SANTOS; CARVALHO; MARINI, 2023).

Outro método de barreira é o diafragma, que consiste em uma capinha de látex ou silicone, que a mulher insere no fundo da vagina antes da relação sexual para cobrir o colo do útero e impedir a entrada do esperma masculino. Este método pode ser utilizado junto com um espermicida, que consiste na aplicação de um produto contendo substâncias químicas que impedem a entrada do espermatozoide, tornando-se mais efetivo (BARROS; WONG, 2016; OLIVEIRA, 2020).

Os métodos comportamentais envolvem o planejamento e disciplina da mulher, que deve conhecer o seu período fértil a fim de obter ou impedir uma possível gravidez. São métodos eficazes se usados corretamente, consistentes, simples e de baixo custo, que não oferecem riscos à saúde da mulher. Além disso, também envolve o coito interrompido, onde ocorre a retirada do pênis da vagina momentos antes da ejaculação, fazendo com que o sêmen seja depositado longe dos genitais femininos, mas neste caso as chances de falha são muito grandes (OLIVEIRA, 2020).

A laqueadura consiste em um procedimento cirúrgico voluntário, definitivo e cuja regulação está feito no Brasil por meio da Lei nº 9.263/96, que está voltada ao planejamento familiar nesse país. Os efeitos colaterais deste método estão mais voltados ao próprio procedimento cirúrgico, podendo envolver infecções e sangramentos, mas raramente ocorre de interferir no ciclo menstrual da mulher ou provocar dores pélvicas (BARROS, 2019).

Os métodos anticoncepcionais hormonais, incluem os comprimidos com hormônios isolados ou associados, cuja finalidade é impedir a concepção. Além disso, podem ser injetáveis, os quais atuam inibindo a ovulação e tornando o muco cervical espesso, impedindo a passagem do espermatozoide; implantes subcutâneos, que atuam semelhantemente ao citado anteriormente, consistindo em um sistema de silicone com hormônio em seu interior que é liberado na corrente sanguínea da paciente (BRANDÃO, 2019).

As vantagens desses métodos são eficácia e longa duração, porém estão contraindicados em muitos casos (doença cardiovascular, hipertensão arterial, antecedentes de Acidente Vascular Cerebral, etc.), especialmente pela quantidade de efeitos colaterais

que podem provocar (cefaleia, ganho de peso, acne, sangramento, dores, inflamações, infecções) (BRANDÃO, 2019).

Já o método intrauterino, consiste na adição de um objeto de plástico flexível e no formato de T com cobre ou hormônio, no útero da paciente, que vai desempenhar o papel de impedir uma possível gravidez. Trata-se de um método eficaz, que pode ser usado por período prolongado, contudo assim como no método hormonal, pode desencadear efeitos colaterais e entre eles a doença inflamatória pélvica (SORGI; CALLEGARI; CARBOL, 2019).

3.5 Papel do farmacêutico na dispensação de anticoncepcionais orais

A Atenção Farmacêutica acontece a partir da interação entre paciente e profissional farmacêutico, com a finalidade principal de aperfeiçoar a qualidade de vida do indivíduo, buscando sempre obter resultados positivos através da utilização correta dos medicamentos (MATSUOKA; GIOTTO, 2019).

Para tanto, envolve-se a orientação do paciente, melhora na adesão ao tratamento, promoção da eficácia clínica e identificação de possíveis Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs). Neste sentido, o principal objetivo da atenção farmacêutica, é promover uma terapia farmacológica segura, de qualidade, com custo-benefício e considerando-se as necessidades individuais de cada paciente (SOUZA; ANDRADE; OLIVEIRA, 2023).

Dessa forma é evidente que a atenção farmacêutica desempenha importante papel na garantia da efetividade dos tratamentos, incluindo aqueles voltados aos métodos contraceptivos hormonais orais, como forma de garantir a segurança da paciente e eficácia do tratamento oral (MATSUOKA; GIOTTO, 2019).

4 | CONCLUSÃO

Os anticoncepcionais hormonais orais são métodos importantes para contracepção feminina, uma vez que possuem mecanismos de ação impedem uma possível gravidez, contribuindo inclusive para o planejamento familiar. Contudo, seu uso pode estar ligado ao desenvolvimento de efeitos colaterais potenciais, principalmente se utilizado por longos períodos de tempos.

O presente estudo observou que ainda não há um consenso na literatura que afirme a relação direta do aparecimento do câncer de mama com o uso contínuo desses medicamentos, isolados ou em associações, contudo é inegável a sua influência para o desenvolvimento dessa patologia.

Assim sendo, é fundamental que o uso dos anticoncepcionais orais seja acompanhado e orientado por um profissional farmacêutico, a fim de minimizar possíveis danos à saúde

das pacientes, além de promover maior adesão e segurança no tratamento. Por fim, faz-se necessário que estudos clínicos sejam feitos, com amostras significativas, a fim de verificar se, de fato, o uso dos contraceptivos orais é fator determinante para o aparecimento da neoplasia da mama.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.

ALMEIDA, R. S. *et al.* Análise Epidemiológica do Câncer de Mama no Estado do Rio de Janeiro nos últimos 5 anos. **Revista de Saúde**, v. 12, n. 3, p. 50-54, 2021.

BARROS, J. V.; WONG, L. L. R. Prevalência, conhecimento e tipos de métodos contraceptivos utilizados pelas mulheres, segundo o tipo de união: um estudo para Brasil e México. **Anais**, p. 1-20, 2016.

BARROS, M. B. Práticas e saberes de mulheres que optaram por realizar a laqueadura tubária como método contraceptivo. **TCC (Graduação em Enfermagem)**, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2019.

BATISTA, G. V. *et al.* Câncer de mama: fatores de risco e métodos de prevenção. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 12, p. e15191211077-e15191211077, 2020.

BRANDÃO, E. R. Métodos contraceptivos reversíveis de longa duração no Sistema Único de Saúde: o debate sobre a (in) disciplina da mulher. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 875-879, 2019.

Brasil. Presidência da República. Lei 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federal do Brasil**, Brasília, DF; 1996.

BRINTON, L.A. *et al.*, Breast cancer risk among womwn under 55 years of age by joint effects of usage of oral contraceptives and hormone replacement therapy. **Menopause.**, v.25, n.11, p.1195-1200, 2018.

CARDOSO, M. P. C. Associação entre câncer de mama e uso de contraceptivos orais de mulheres em idade fértil. **Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Médico-cirúrgicas**, Universidade Federal do Ceará, 2020.

CASEY, F. E. Contraceptivos orais. **Manual MSD**, 2022. <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/ginecologia-e-obstetr%C3%ADcia/planejamento-familiar/contraceptivos-orais>. Acesso em ago. 2022.

CASEY, F. E. Métodos hormonais de contracepção. **Manual MSD**, 2022. <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-feminina/planejamento-familiar/m%C3%A9todos-hormonais-de-contracep%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em ago. 2023.

CRUZ, S. L. A.; BOTTEGA, D. S.; PAIVA, M. J. M. Anticoncepcional oral: efeitos colaterais e a sua relação com a trombose venosa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e283101421798-e283101421798, 2021.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA (FEBRASGO). Nota sobre estudo envolvendo a relação entre o câncer de mama e contraceptivos hormonais. **FEBRASGO**, 2023. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/1628-nota-sobre-estudo-envolvendo-a-relacao-entre-o-cancer-de-mama-e-contraceptivos-hormonais>. Acesso em ago. 2023.

FERREIRA, M. C.; VALE, D. B.; BARROS, M. B. A. Incidência e mortalidade por câncer de mama e do colo do útero em um município brasileiro. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 67, 2021.

GUEDES, I. P. *et al.* Relações entre o uso de anticoncepcional hormonal e o desenvolvimento de câncer de mama: controvérsias na literatura. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 6, p. e12866-e12866, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). INCA lança a estimativa 2023 – Incidência de Câncer no Brasil. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/inca-lanca-a-estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil/#:~:text=S%C3%A3o%20esperados%20704%20mil%20casos,cerca%20de%2070%25%20da%20incid%C3%A2ncia>. Acesso em ago. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Outubro rosa 2022. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/campanhas/2022/outubro-rosa/#:~:text=O%20C%C3%A2ncer%20de%20mama,-O%20c%C3%A2ncer%20de&text=As%20taxas%20de%20incid%C3%A2ncia%20variam,a%20cada%20100%20mil%20mulheres>. Acesso em ago. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). A situação do câncer de mama no Brasil: síntese de dados dos sistemas de informação. **Ministério da Saúde**, 2019.

JUREMA, K. K; CARDOSO, J., HALLINE, C. Efeitos Colaterais a longo prazo associados ao uso de Anticoncepcionais Hormonais Oraís. **Revista Cereus**, v. 13, n. 2, p. 124-135, 2021.

MANDU, Y. M.; CAETANO, O. A. Os efeitos adversos a longo prazo causados pelo uso de anticoncepcionais em mulheres: uma revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 763-776, 2023.

MATOS, S. E. M.; RABELO, M. R. G.; PEIXOTO, M. C. Epidemiological analysis of breast cancer in Brazil: 2015 to 2020. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. I.], v. 4, n. 3, p. 13320-13330, 2021.

MATSUOKA, J. S.; GIOTTO, A. C. Contraceptivo de emergência, sua funcionalidade e a atenção farmacêutica na garantia de sua eficácia. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 3, p. 154-162, 2019.

NEJM. Anticoncepção hormonal aumenta risco de câncer de mama. **Medical Journal**, 2018. Disponível em: <https://www.news.med.br/p/medical-journal/1308378/nejm-anticoncepcao-hormonal-aumenta-risco-de-cancer-de-mama.htm>. Acesso em ago. 2023.

OLIVEIRA, A. L. B. Métodos contraceptivos mais utilizados por mulheres que atuam em uma indústria têxtil. **TCC (Graduação em Enfermagem)**, Faculdade Evangélica de Goianésia, associação educativa evangélica, 2020.

OLIVEIRA, A. R. L. *et al.* Fatores de risco e prevenção do câncer de mama. **Cadernos da Medicina-UNIFESO**, v. 2, n. 3, 2020.

OLIVEIRA, R. P. C.; TREVISAN, M. O anticoncepcional hormonal via oral e seus efeitos colaterais para as mulheres. **Revista Artigos. Com**, v. 28, p. e7507-e7507, 2021.

QUEIROZ, E. O. *et al.* Investigação dos riscos associados com o uso prolongado de contraceptivos hormonais em mulheres residentes da Região Metropolitana de Belém-PA. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e574101624276-e574101624276, 2021.

ROTHER, E. T. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

SABINO, E. C. C. O uso de anticoncepcionais orais combinados e sua relação com o câncer de mama. **Trabalho de Conclusão de Curso de Biomedicina**, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, Brasília – DF, 2017.

SANTOSI, S. F.; CARVALHO, G. A.; MARINI, D. C.. Características do uso dos métodos contraceptivos em mulheres na idade fértil. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 3, p. 44-63, 2023.

SILVÉRIO, A. C. K. *et al.* Influência dos anticoncepcionais orais hormonais na saúde da mulher. **Revista Brasileira Multidisciplinar-ReBraM**, v. 25, n. 1, p. 153-165, 2022.

Silvério, A. C. K. *et al.* Influência dos anticoncepcionais orais hormonais na saúde da mulher. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 25, n. 1, p. 153-165, 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MASTOLOGIA (SBM). Anticoncepcionais aumentam risco de câncer de mama. **SBM**, 2020. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/anticoncepcionais-aumentam-risco-de-cancer-de-mama/#:~:text=O%20risco%20foi%209%25%20superior,foi%20de%202%2C76%25>. Acesso em ago. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MASTOLOGIA (SBM). INCA lança estimativa da incidência de câncer de mama no Brasil. **SBD**, 2020. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/inca-lanca-estimativa-da-incidencia-de-cancer-de-mama-no-brasil/#:~:text=O%20Instituto%20Nacional%20de%20C%3%A2ncer,ano%20do%20tri%20C%3AAnio%202020%2D2022..> Acesso em ago. 2023.

SORGI, C. M.; CALLEGARI, F. V. R.; CARBOL, M. Conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias em relação aos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC). **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 52, n. 3, p. 213-222, 2019.

SOUZA, H. T. O.; ANDRADE, R. C.; OLIVEIRA, T. C. Cuidado farmacêutico no manejo de mulheres utilizando anticoncepcionais hormonais: um enfoque na segurança, adesão e orientação terapêutica. **TCC (Graduação em Farmácia)**, Centro Universitário Ages, 2023.

SOUZA, M. S. *et al.* Anticoncepcionais hormonais orais e seus efeitos colaterais no organismo feminino: uma revisão integrativa: Oral hormonal contraceptives and their effects colateral in the female organism: an integrative review. **Journal of Education Science and Health**, v. 2, n. 2, p. 01-11, 2022.